

REVISTA



Nº 36 - JULHO 2022

RECONEXÃO PERIFÉRIAS

FOTO:TÂNIA REGO/AGB



Mulheres negras no Brasil: o legado e as lutas atuais

Artigo analisa
presença negra na
política institucional

Casa Sueli Carneiro
reúne arte, memória
e política

AGENDA DE LUTAS JULHO DE 2022

Mulheres negras no Brasil: o legado e as lutas atuais



FOTO: AGÊNCIA BRASIL

Celebrado em 25 de julho, o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha é uma data para refletirmos sobre a vida dessas mulheres e reforçar sua luta histórica por sobrevivência com dignidade em uma sociedade estruturalmente marcada pela divisão de classes, pelo racismo e pelo machismo.

Ser mulher negra no Brasil é um desafio diário, ainda que esta seja a composição da maioria da população do país, somando 28% do total. Isso porque, devido à nossa formação histórica de décadas de escravidão

e da permanência até hoje de mecanismos objetivos e subjetivos para perpetuação de privilégios à população branca, o racismo segue como questão central na vida dessas mulheres.

Elas são a maioria em situação de pobreza e vulnerabilidade, em empregos precários e informais, são as vítimas de feminicídio, das violências doméstica, obstétrica e da mortalidade materna, são a maioria da população feminina encarcerada. Mas também é por meio delas que a esperança e a construção de solidariedade nas periferias do Brasil resistem. São as principais líderes dos movimentos de moradia, de habitação, comunitários de combate à fome. A partir deles, organizam seus territórios, defendem suas comunidades e dão voz aos sujeitos periféricos tão estigmatizados e invisibilizados por

nossa sociedade. Elas estão presentes também na academia e na disputa institucional de poder, ainda que em menor quantidade do que poderiam, por conta das discriminações que enfrentam.

A organização coletiva dessas mulheres é o ponto chave para impulsionar as mudanças necessárias a esse cenário, que passam, necessariamente, por eleger governos comprometidos com a construção da igualdade de gênero e de raça. Que, ao contrário do que faz o atual presidente ao reforçar preconceitos e discriminações, implementem políticas públicas reparatórias e de enfrentamento às desigualdades. Mas não só. Mesmo no interior dos movimentos sociais de esquerda é preciso debater e alterar as relações estabelecidas de inferioridade às mulheres negras. Os pre-

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDIÇÃO** LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ **REVISÃO** ISAÍAS DALLE ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **PROJETO GRÁFICO** CACO BISOL ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** ALOÍZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, JORGE BITTAR E LUIZ CAETANO

conceitos, infelizmente, estão presentes em todos os espaços, inclusive os da esquerda, e reconhecer isso é o primeiro passo urgente para poder alterar essa situação.

Neste sentido, trazemos o artigo de Najara Costa, socióloga pela UFF e autora do livro *Quem é Negra/o no Brasil?*, no qual analisa o impacto da participação das mulheres negras na política institucional brasileira, sob o marco temporal do pós-assassinato da vereadora carioca Marielle Franco.

Na entrevista, a jornalista Natália Carneiro fala sobre a Casa Sueli Carneiro, local de memória, arte e política onde morou por 40 anos sua tia, a pensadora e ativista negra Sueli Carneiro. O espaço passa por uma reforma e deve estar aberta ao público para atividades presenciais ainda neste ano. Natália relembra que nasceu no Geledés - Instituto a Mulher Negra, uma das notáveis iniciativas de Sueli, onde circulava entre debates e atividades desde a infância e teve seu primei-

ro emprego remunerado. “Viver isso foi um processo natural. Depois, minha escolha de permanecer por perto parecia um pouco o desdobramento da minha casa”, conta.

A sócia Fundadora da Associação Cultural de Mulheres Negras Jaqueline Oliveira Soares escreve sobre a importância de governos constituírem mecanismos de efetiva participação social, para que as mulheres negras possam ser protagonistas dos espaços que discutem e deliberam sobre políticas públicas relacionadas a elas.

Na seção *Perfil* apresentamos a Utopia Negra, coletivo formado por nove jovens amapaenses, em sua maioria recém-saídos da universidade, que buscam promover o debate político local a partir de uma perspectiva negra. Ou seja, considerando a história, relevância, potência e criatividade da população afrobrasileira em suas diversas manifestações.

Em *Quando novas personagens entram em cena*, temos Divaneide Basílio. A Diva, como é chamada

carinhosamente, chegou a Natal ainda pequenina, aos quatro anos, junto da família na busca por melhores condições de vida. O tempo passou, ela fez doutorado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), depois de iniciar sua militância política nos movimentos sociais ligados à Igreja Católica. Na eleição de 2020, tornou-se a mulher mais bem votada para a Câmara dos Vereadores da capital do estado.

Ter governos comprometidos com a igualdade é fundamental. Mas sabemos que essas mudanças que precisam ser feitas não virão apenas via governos ou por decretos. O enfrentamento aos racismo e ao machismo é cotidiano, e deve ser assumido por todos e todas que queiram construir uma sociedade justa e verdadeiramente livre. Esperamos que a edição de julho da Revista Reconexão Periferias possa contribuir nessa construção!

Boa leitura! Boas lutas!

Mulheres negras na política: não existe mudança sem nós

NAJARA COSTA

NAJARA COSTA É DOUTORANDA PELO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP, MESTRA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS PELA UFABC, SOCIOLOGA PELA UFF E AUTORA DO LIVRO *QUEM É NEGRA/O NO BRASIL?*



FOTO: ACERVO PESSOAL

A formação da sociedade brasileira, marcada por intensas desigualdades étnico-raciais e de gênero, fundamenta as matrizes das nossas disparidades sociais, configurando relações que preservam o acesso ao poder político para velhas elites. Este processo, centrado em mais de trezentos anos de escravização, firmou-se, a princípio e por muito tempo, com o predomínio de uma economia agrária que, alcançando

privilégios a poucos, em detrimento de povos que historicamente tiveram seus direitos negados, não permitiu o rompimento das heranças de um sistema colonial que envolvem uma estrutura social que é, conseqüentemente, patriarcal, classista e racista (MOURA, 2019).

Com efeito, discutir a desigualdade política no Brasil inevitavelmente é discutir gênero, raça e classe por uma dimensão interseccional (GONZÁ-

O presente artigo analisa o impacto da participação das mulheres negras na política institucional brasileira, sob o marco temporal do pós-assassinato da vereadora carioca Marielle Franco.

LEZ, 1982), na medida em que, em nosso país, mulheres negras e indígenas estão historicamente submetidas a uma condição de exclusão política e de ausência de representação. O patriarcalismo, alicerçado no sistema escravocrata, constituiu uma estrutura de sub-representação que consolidou inúmeras desigualdades, como negar o direito ao voto, só permitido para as mulheres no ano de 1934, durante o governo de Getúlio

Vargas (BRASIL, 1934). Soma-se a esta perversa realidade o fato de que analfabetos usufruírem desse mesmo direito apenas a partir da Emenda Constitucional nº 25, de 15 de maio de 1985¹. Sobre esse ponto, destaca-se que pessoas negras, pelo perverso processo de colonização, passado de escravização e trajetórias marcadas por dificuldades impostas pelo racismo, são também as que ainda enfrentam os maiores empecilhos na formação educacional (MACIEL, 2014).

Ao considerarmos os marcadores de gênero e raça na configuração da atual política institucional do Brasil, percebe-se que estes nada mais refletem do que a hierarquização advinda de nossas próprias relações sociais. De acordo com dados divulgados pela União Interparlamentar publicizados pela Organização das Nações Unidas – ONU², o Brasil ocupa a 140ª posição entre 191 países, sobre a representação feminina no Legislativo. Nisso, a compreensão sobre a

relevância deste tema, acrescida das variáveis classe e raça, estão postas na ordem do dia sobre os entendimentos que impactam a efetivação da democracia, garantia de direitos e equidade em nosso país.

O marco temporal que envolve o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco, ocorrido em 14 de março de 2018, destaca-se como divisor de águas de um cenário que alterou significativamente a política brasileira ao escancarar tensões constituídas pela polarização política no país a partir da repercussão trazida pelo caso que, observado pelo racismo, se configurou um típico caso de feminicídio político. Marielle Franco, mulher negra, ex-favelada, parlamentar com carreira muito promissora, era uma grande defensora dos Direitos Humanos e mobilizou sua luta política na perspectiva interseccional pelas pautas de raça, classe e gênero. Sua execução, em um país que em 2018 escancarava seu racismo, machismo

e ódio de classe na figura de Jair Bolsonaro, modificava seu modus operandi na política, expondo nitidamente questões antes tratadas com muito manejo ou até mesmo jogadas para “debaixo do tapete”. Interesses de classe e problemas nunca encarados que compõem o cerne da desigualdade na política institucional brasileira, estão sendo, desde então, cada vez mais expostos, na representação de grupos hegemônicos que dominam o Brasil, desde sempre.

A diferença entre o Brasil político e o Brasil real precisará ser encarada e é isso que o movimento negro, especialmente de mulheres pretas, tem tratado na necessidade de um NOVO PROJETO DE NAÇÃO BRASILEIRA. Marielle Franco foi executada por ser considerada uma negra “fora do lugar”, e por isso é urgente que estejamos, cada vez mais, neste lugar, pois é a política institucional que concentra o poder de decisão e a consolidação de projetos de leis que irão norma-

2. <https://www.poder360.com.br/congresso/brasil-e-140o-em-ranking-de-representacao-feminina-no-legislativo/>



tizar muitos aspectos de nossa vida em sociedade, para além das políticas públicas tão necessárias ao nosso povo mais vulnerável. Se a mulher preta “fora do lugar” é uma ameaça porque fazemos a diferença, portanto, que sejamos muitas! A velha política oligárquica, do centro à extrema direita, nunca nos representou. E nem mesmo parte da esquerda, que não encara com a radicalidade devida o problema racial que nos cerca. Se estamos em partidos de esquerda, nós, mulheres negras,

representamos a esquerda da própria esquerda. Que ocupemos esses espaços que nos são legítimos, pois não existe mudança sem nós! ■

Bibliografia:

BRASIL. **Constituição 1934**. Assembleia Nacional Constituinte; emendas à redação final da Constituição de 1934. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1934.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: Luz, Madel (org). O Lugar da mulher negra: Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MACIEL, Regimeire. **Acesso e produção acadêmica de estudantes cotistas negros da universidade federal do Maranhão**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 2014.

MOURA, Clovis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2ª edição. São Paulo. Perspectiva, 2019.

Casa Sueli Carneiro, espaço de memória, resistência e vida nova

ISAÍAS DALLE

FOTO: REPRODUÇÃO

Casa Sueli Carneiro. Na metrópole em que prevalecem ruas e espaços cujos nomes remetem, na maioria das vezes, a um passado de exploração e tirania, surge um local de memória, arte e política onde morou por 40 anos a pensadora e ativista negra Sueli Carneiro. Aos 72 anos, em plena atividade, Sueli e sua luta aprofundam presença na cidade, no país e no mundo.



Quem conta um pouco dessa história é a jornalista Natália Carneiro, sobrinha de Sueli e coordenadora de Comunicação da Casa.

Natália lembra que nasceu no Geledés - Instituto a Mulher Negra, uma das notáveis iniciativas de Sueli Carneiro. No Geledés, circulava entre debates e atividades desde a infância, teve lá seu primeiro emprego remunerado. “Viver isso

foi um processo natural. E depois, minha escolha de permanecer por perto parecia um pouco o desdobraimento da minha casa”, conta a jornalista.

Acompanhe:

De onde vem a ideia de criar a Casa Sueli Carneiro agora, com a Sueli em plena atividade, produzindo, intervindo, militando? E fale um pouco do que é a Casa, o que pretende e o que já está fazendo.

Bianca (Santana, hoje diretora executiva da Casa) um dia se sentou para conversar com a Sueli e perguntou o que ela ia fazer com a casa dela. A Sueli viveu por 40 anos numa casa aqui no Butantã, e saiu da casa para ir morar num apartamento, porque não estava mais se sentindo tão segura para continuar vivendo naquele ambiente tão grande. E elas se sentaram pra sonhar. Contam que ficaram

sonhando várias possibilidades, e uma coisa que a Luanda sempre quis fazer foi transformar aquele lugar num espaço cultural, artístico. Luanda (Carneiro, filha de Sueli) é formada e especialista em danças contemporâneas. E pensaram na casa como um lugar que oferecesse diferentes tipos de formação para ativistas negros e onde houvesse uma expressão cultural muito forte. Assim começaram a colocar isso no papel. A Sueli saiu um pouco de cena, e Bianca e Luanda começaram a trabalhar no projeto. A casa de Sueli passa neste momento por um período de reformas. A gente tinha a vontade de comprar aquela

casa, era importante que fosse comprada. A gente conseguiu trabalhar em projetos antes de iniciar a reforma da casa. Começamos no ambiente virtual, a gente está há um ano e pouco atuando em várias atividades de formação a partir da perspectiva da memória. Paralelamente, a gente tem cuidado do acervo de Sueli Carneiro, toda a trajetória que ela guardou. Trajetória pessoal e de ativismo que ela preservou ao longo desses 40 anos. Conseguimos financiamento para comprar a casa e colocar a mão na obra. Estamos em reforma, para começar a receber as pessoas e realizar os cursos não só no ambiente virtual, mas no presencial. Onde pos-

samos nos encontrar e sair desse ambiente em que a pandemia nos colocou.

A casa onde a Sueli viveu não era propriedade dela?

Sim, era propriedade da Sueli. Nós, enquanto Casa Sueli Carneiro, achamos que era muito importante comprar essa casa para poder atuar nela. Se a gente pensa na população negra, ter uma casa é algo muito simbólico. Fazer as atividades nessa casa que era dela e da família sem o viés financeiro, usurpar aquele espaço, sem contrapartida, não fazia sentido.

O Geledés, quando ganhou projeção, já tinha uma característica de diálogo com setores não negros,



A JORNALISTA BIANCA SANTANA (À DIR) NA CASA SUELI CARNEIRO. FOTO: REPRODUÇÃO



CASA ABRIGARÁ A BIBLIOTECA DE SUELI CARNEIRO . FOTO: REPRODUÇÃO

e penetrava com sua mensagem em setores que nem tinham a luta antirracista como uma preocupação central. Essa é uma característica da Sueli, ela expandiu essa bandeira. A Casa Sueli Carneiro vem também nessa trilha?

Manter diálogo com outros espaços é fundamental para disseminar as informações. Essa é uma prática não só do Geledés, mas de vários segmentos do movimento social. Hoje o acervo da Sueli está na Casa do Povo, aqui em São Paulo. Nossa proposta é dialogar com outros espaços que tenham linha progressista. Até porque não dá pra

discutir questões como a memória da população negra apenas dentro de nosso próprio nicho.

Quando vocês preveem a inauguração desse espaço renovado?

Até o final deste ano. A arquiteta que trabalha conosco, Bianca (Aglus-si), já começou a elaborar vários espaços. Vai haver um só para o acervo da Sueli, a biblioteca dela. São quase 4 mil itens. Vamos ter um espaço também só para as apresentações artísticas e articulações. A casa, no período em que a Sueli viveu ali, reuniu diversas mulheres do movimento negro. É uma extensão do que aconteceu na casa

nestes 40 anos. Obviamente com uma outra roupagem e novas gerações indo pra lá.

Que tipo de atividade as pessoas vão poder encontrar?

Pensar num espaço que traz um nome tão importante para o movimento de mulheres negras e cuidar desse acervo com a pessoa ainda em vida é o mais rico da casa. Sueli está viva e o acervo dela ainda está em construção. Além desses quatro mil itens que a equipe conseguiu reunir, Sueli ainda tem recebido presentes de livros, tem produzido textos, projetos dentro de Geledés. A construção desse acervo

é muito viva. Ter a Sueli para poder consultar em alguns momentos – ela não faz parte do conselho diretivo da casa, não toma as decisões, mas é uma pessoa próxima que a gente pode consultar. Como uma ori.

Você é comunicadora. Há alguma abordagem nova do movimento negro, uma tecnologia, que nós devemos prestar atenção e que podem ser replicadas em outros movimentos sociais?

Vamos pegar os abolicionistas que atuavam em alguns jornais, aqui na cidade de São Paulo mesmo, e a gente já vai ver esses processos, métodos e tecnologias para debater questões que eram estruturais em nossa sociedade. Com o avanço das tecnologias, e tomo aqui novamente o exemplo do Geledés, que constrói um portal, porque a gente não tinha espaço numa mídia tradicional. Para dizer a forma como nós gostaríamos de ser abordados nos meios de comunicação. Não apenas a partir dos autos de resistência, não apenas

quando estamos tratando de racismo. Nós temos nossa cultura, temos nossas narrativas sendo construídas em diversas frentes. A internet ajuda muito nisso. Nós temos veículos como As Blogueiras Negras, Alma Preta, Mundo Negro e diversos outros que estão aí pautando e mostrando formas efetivas de comunicação que negros vêm fazendo. A partir dessa ação vemos a mídia tradicional abrindo espaços, colunas. Hoje a gente pode observar, por exemplo, a Rede de Historiadores Negros dentro do UOL, o Perifa Connection na Folha de S. Paulo. Veículos tradicionais sendo pautados a partir de nossas narrativas. No início dos anos 2000, a gente tinha de forçar uma pauta. E hoje

as mídias tradicionais estão pautando a partir de nossas narrativas, que a gente aborda seja nas mídias sociais, no YouTube, seja num artigo acadêmico.

Há alguma inovação discursiva, algum gancho novo em voga no movimento negro, que você destacaria?

A gente não pode dizer que estamos inventando a roda. Muito do que está sendo dito hoje é o que vem sendo dito desde a Constituinte. Há diferentes abordagens, mas muito do que vem sendo tratado já foi dito, já foi discutido, já foi muito bem elaborado pelo movimento negro e pelo movimento de mulheres negras. Mas, se fosse destacar uma coisa muito legal que vem



CASA ABRIGARÁ A BIBLIOTECA DE SUELI CARNEIRO . FOTO: REPRODUÇÃO

acontecendo, é a articulação da Coalizão Negra por Direitos, em pontos e pautas estratégicas em nossa sociedade. A questão da fome, ou mesmo agora com as candidaturas negras para as próximas eleições. Pensando do ponto de vista da comunicação, com todas essas pessoas que estão se dispondo a concorrer nas eleições 2022, numa articulação com mais de 200 organizações envolvidas, isso é muito importante. Uma nova abordagem. Esse é um bom ponto a se observar, não só em comunicação, mas em articulação dos movimentos sociais.

Falando em eleições, o que nós ainda precisamos aprimorar para fazer essa disputa com bastante força?

É importante entender que estamos num momento crucial. A gente não pode mais continuar como está. A fome há muito tempo não estava tão presente. As pessoas

não têm onde dormir. Há crianças que já nasceram em situação de rua. Em termos de eleição, é preciso que a gente olhe para os candidatos que abordem interesses sociais. E é fundamental que os jovens votem.

Como diferenciar candidaturas de lutadores sociais autênticos desses genéricos que andam por aí?

Estudando. Não podemos avaliar um candidato, uma candidata, a partir de caracteres do Twitter. A gente precisa entender o histórico. Temos um presidente que foi eleito sem ter aprovado um único projeto enquanto deputado. Um presidente que tem um histórico totalmente neofascista. E a gente tem uma abstenção de votos muito grande, também. Tudo isso é motivo de se pensar: qual o meu papel enquanto cidadã, cidadão? Qual a minha responsabilidade de ter esse cara aí dentro do

governo? E não é colocar qualquer pessoa negra ali. Qualquer mulher. Tem que ser uma pessoa que de fato esteja ali, lutando. Quem tem esse histórico de mobilização política conjunta pela sociedade brasileira?

Qual sua expectativa para 2023? O que é urgente e o que deve ser construído a longo prazo?

A gente precisa tirar o Bolsonaro do poder. Isso é o mais urgente, não tem discussão. É óbvio que o Lula não vai conseguir resolver tudo, reconstruir tudo o que foi destruído. Mas volta a possibilidade de uma esperança. Com as mudanças em países vizinhos, podemos reviver uma América Latina progressista. E, se além de colocar um novo presidente, conseguir eleger novos deputados, novos atores políticos neste ambiente, é um passo gigantesco. Mas até do que a gente teve em 2003. ■

A reforma da Casa Sueli Carneiro é contada em vídeo que pode ser acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=-REkONvJw8&t=365s>

Mulheres negras protagonistas de suas vidas

JAQUELINE OLIVEIRA SOARES

JAQUELINE OLIVEIRA SOARES É SÓCIA-FUNDADORA DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE MULHERES NEGRAS, SANITARISTA, MESTRA EM SAÚDE COLETIVA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.

As mulheres negras são essenciais na construção de Políticas Públicas deste país, na defesa de seus direitos, e parte do amplo contingente negro deste país, que luta por justiça social e direitos, além de combater o racismo, sexismo, as desigualdades de classe social, de orientação sexual, de geração, entre outras.



MULHERES MULTIPLICADORAS DE SAÚDE. FOTO: ACERVO PESSOAL

A luta das mulheres negras por justiça social e direitos se desenvolve ao longo dos séculos e tem sido parte fundamental dos amplos segmentos que constroem cotidianamente o Brasil. A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra

(PNSIPN) foi uma das conquistas resultantes da longa trajetória trilhada por ativistas negras, percurso repleto de esforços e de abnegações, até chegar a uma Portaria Nacional.

A pandemia escancarou que são as mulheres

negras, pobres e periféricas as mais afetadas pela Covid-19 e suas consequências. Um exemplo foi uma das primeiras mortes no Brasil no início da pandemia, de uma mulher negra, doméstica e da periferia. Este é retrato de um país

de grandes desigualdades étnicas raciais, que coloca as mulheres negras em situação de vulnerabilidade, levando-as aos piores indicadores de saúde, violência e pobreza. Fomos e continuamos sendo a base para o desenvolvimento econômico e político do Brasil sem que a distribuição dos ativos do nosso trabalho seja revertida para o nosso próprio benefício. A garantia de políticas públicas é a luta constante das mulheres negras, no Brasil, contamos com instituições (ONGs) de mulheres negras que têm se dedicado diariamente a estas lutas, e a Associação Cultural de Mulheres

Negras (Acmun) é uma dessas instituições, que em sua trajetória de 27 anos de existência vem denunciando as violações de direitos e contribuindo para defesa dos Direitos Humanos e Cidadania das Mulheres. O seu principal objetivo é a valorização da população negra, em especial das mulheres, e desenvolver ações para o fim da discriminação de raça e gênero, contribuindo para a transformação da sociedade. Uma das estratégias desse movimento de mulheres é a participação em instâncias de controle social e formulação de políticas públicas. como Conse-

lhos e Comitês técnicos e conferências. É necessário desenvolver mais políticas públicas ainda, mas não qualquer tipo de política pública, elas precisam ser mais embasadas no acúmulo político e epistêmico sobre estas temáticas e garantir uma perspectiva interseccional e intersetorial.

Angela Davis: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo". ■

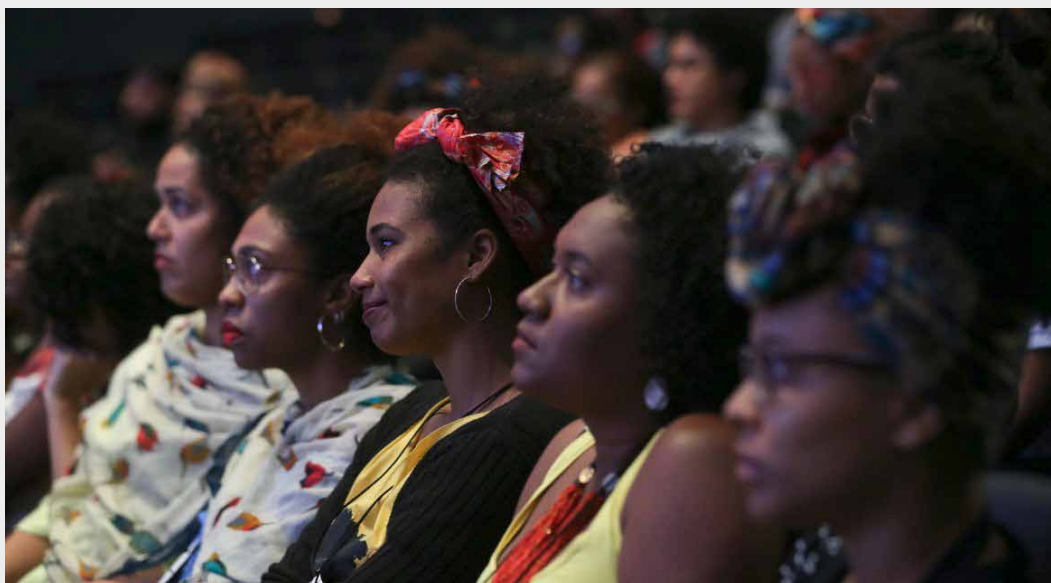


FOTO: ELZA FIUZA AGB

Jovens amapaenses buscam enegrecer a política por justiça social

ROSE SILVA



PROJETO CONSTITUIU PARCERIA PARA DISTRIBUIR FILTROS DE ÁGUA À POPULAÇÃO. FOTO: ACERVO DA UTOPIA NEGRA

A Utopia Negra é um coletivo formado por nove jovens amapaenses, a maioria recém-saídos da universidade, que buscam promover o debate político local a partir de uma perspectiva negra. Ou seja, considerando a história, relevância, potência e criatividade da população afrobrasileira em suas diversas manifestações, além de promover a estética e o saber tradicional negro nas artes.

Participam do projeto Luana Darby Nayrra da Silva Barbosa, Isabelly Ribeiro Guabiraba, Cleiton de Jesus Rocha, Welliton Brasil, Benedita Sardinha, José Simão Correia, Alicia Miranda, Rayana Barboza e Paulo Cardoso.

Os temas priorizados

pelos ativistas em sua página na internet - que se anuncia como espaço de jornalismo nortista, criativo e independente - são aqueles que perpassam a realidade do povo preto em todo o país: violência policial, desigualdade social, pouca representatividade nas instituições de poder,

encarceramento em massa, evasão escolar em todos os níveis, segurança alimentar, desigualdade e violência contra as mulheres e ainda os desafios que envolvem pessoas LGBTQIAP+.

Uma de suas fundadoras, a cientista social Luana Darby, 27 anos,

nasceu em uma família de trabalhadores pobres que chegaram para construir um dos grandes projetos da Amazônia. “Desde a infância tivemos de lidar com muitas dificuldades estruturais, econômicas e sociais, além de lutar por conta de sermos quem somos: pessoas pretas. Por isso ingressei no grupo”, afirma.

A Utopia Negra nasceu na pandemia, em maio de 2020, inicialmente com quatro integrantes que residiam em diferentes estados do Brasil. Logo depois, outros foram convidados a se somar. Devido à necessidade de isolamento social, o grupo trabalhava com muitas limitações e promovia lives no Instagram, Facebook e Youtube, com ótima repercussão, a partir do slogan “enegrecer a política amapaense”.

“Por mais que sejamos 70% da população, ainda sofremos muito preconceito. Vivemos um processo de silenciamento. Nunca os caboclos,



PROJETO A VIDA SOBRE AS ÁGUAS NA ÁREA DE RESSACA DE MACAPÁ. FOTO: ACERVO DA UTOPIA NEGRA

ribeirinhos e pessoas pretas tiveram voz na sociedade amapaense. E quando nos é dada alguma oportunidade, ela vem por meio de tentativa de cooptação política ou apagamento de nossas identidades”, afirma Luana.

Ela relata ainda que o Amapá era um território negro, mas essas pessoas foram retiradas do centro para residir nas periferias. E houve ainda um intenso processo de migração do interior do Pará e do Maranhão que compôs a identidade social e cultural amapaense. Embora banhado pelo Rio Amazonas e detentor de seis hidrelétricas, o estado não oferece água potável a boa parte da popula-

ção e foi palco de um apagão de 22 dias, em plena pandemia, uma tragédia anunciada que fez milhares de vítimas e provocou um completo caos, particularmente no sistema de saúde.

Nesse período, a Utopia Negra foi acionada e ampliou suas atividades. “Fomos solicitados para ajudar durante o apagão, cadastramos pessoas, arrecadamos e armazenamos alimentos. Em seguida fomos contatados por uma start up para distribuir filtros que possibilitaram o consumo de água potável a muitas famílias. Nossas ações, com diversas parcerias, tiveram em torno de 50 mil beneficiários”, diz Luana.



JUVENTUDE AMAPAENSE COM O PRIMEIRO VOTO ATENDEU 500 PESSOAS PARA EMISSÃO DE TÍTULOS ELEITORAIS. FOTO: ACERVO DA UTOPIA NEGRA

A Utopia Negra tenta hoje se estabelecer em uma sede para estruturar melhor o trabalho e obter um CNPJ com o intuito de facilitar a captação de recursos. Um de seus projetos mais importantes, “A vida sobre as águas”, é executado em uma área de alagados onde vivem 120 mil famílias, e oferece formação educacional para mães da periferia sobre meio ambiente, questões climáticas, políticas públicas e outras discussões sobre a vida no território. Os ativistas desenvolveram uma pesquisa que em breve será publicada, com dados das famílias que vivem nesses espaços e nunca antes foram coletados pelo poder público. A ideia é que sirvam de base

para as reivindicações do movimento social e para elaboração de políticas públicas dirigidas àquele local.

Outro projeto, o “Juventude amapaense com o primeiro voto”, em sua primeira etapa foi focado na emissão de títulos eleitorais para jovens de

sete escolas e do instituto federal, atendendo mais de 500 pessoas. A próxima fase é o desenvolvimento de formação política nessas escolas. Há ainda o “Projeto IARA”, que trabalha com a questão da água e da energia no Amapá.

O grupo tem um amplo espectro de atuação que vai de política a meio ambiente e cultura, além de contar com parcerias de diversos movimentos sociais. Em sua página na Internet, ativistas são convidados a escrever seus artigos. Para saber mais: <https://www.utopianegra.com> ■



VIDA SOBRE AS ÁGUAS É UM PROJETO VOLTADO A FAMÍLIAS QUE VIVEM EM REGIÕES ALAGADIÇAS. FOTO: ACERVO DA UTOPIA NEGRA

Quando novas personagens entram em cena

DIVANEIDE BASÍLIO, VEREADORA DO PT EM NATAL/RN



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

A Diva, como é chamada carinhosamente Divaneide Basílio, chegou a Natal ainda pequenina, aos quatro anos, junto da família na busca por melhores condições de vida. O tempo passou, ela fez doutorado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), depois de iniciar sua militância política nos movimentos sociais ligados à Igreja Católica. Na eleição de 2020, tornou-se a mulher mais bem votada para a Câmara dos Vereadores da capital do estado.

Acompanhe:

Dos seus planos para o mandato, acha que tem conseguido cumpri-los?

Sim, a gente se propôs a fazer a diferença em Natal e tem feito, com muita ajuda e uma rede de apoio que chega junto porque acredita no nosso projeto. São políticas que envolvem as pessoas, o direito à cidade, à soberania alimentar, à dignidade, à informação, ao trabalho e à educação. A gente não só aprova as leis, mas luta para que elas saiam do papel e se tornem concretas.

Entre esses planos, qual a prioridade número 1, qual considera a demanda mais urgente?

A nossa prioridade é ampliar e fazer mais, tentar transformar mais vidas de alguma forma por meio de nosso trabalho. Essa é a demanda mais urgente.

Por que você decidiu ser parlamentar? Como iniciou sua atividade política?

Costumo dizer que não escolhi ser militante e traçar essa trajetória, minha vida me trouxe aqui. Não é fácil. Mudei-me muito cedo do interior do Rio Grande do Norte para Zona Norte de Natal por mais oportunidades e direitos, e desde então, através dos movimentos pastoreiros da igreja, aprendi que, como filha de trabalhadores rurais, negra e de origem popular, a luta era um verbo definitivo na minha vida, e assim foi. Comecei a vida política através da Pastoral da Juventude do Meio Popular, em seguida, no Partido dos Trabalhadores, onde militei, fui secretária de Juventude e sempre trabalhei com política para transformar a vida de pessoas.

Qual tem sido sua maior dificuldade até o momento no exercício do mandato? Qual o segmento social a apoia e qual tem se oposto?

Nosso maior desafio tem sido a conjuntura política de ódio e violência que acomete não só Natal e o Rio Grande do Norte, mas o Brasil. Dia-

riamente, a gente precisa combater as pequenas violências de gênero, raça e classe que acontecem na rua e também no parlamento. Além de enfrentar a atual gestão municipal que adota posturas autoritárias e que atentam contra a vida do povo natalense.

Em comparação com os parlamentares mais experientes, que novidade você quer apresentar na sua forma de trabalho?

A novidade no nosso trabalho é que, enquanto primeira vereadora negra e de origem popular de Natal, a

gente trouxe os recortes de gênero e raça para um espaço que não era ocupado com essa pauta, como a Câmara Municipal. A novidade também é que a gente trouxe mais diversidade para o plenário da Casa, com sindicatos, movimentos sociais, sindicais, populares e estudantis, porque a gente entende verdadeiramente como representatividade importa.

Como é ser uma vereadora originária das periferias em sua cidade?

Não é fácil, mas sabemos que quando uma mulher



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

negra abre uma porta, várias outras passam e chegam juntas. Então, tenho orgulho de ser a precursora desse espaço e espero que Natal tenha muita preta nos parlamentos. Como no estado inteiro, na Assembleia Legislativa potiguar.

Conte-nos um episódio recente que tenha te marcado, positiva ou negativamente.

Ultimamente tenho sido surpreendida em toda

casa que chego com recebimento de carinho e fé no nosso trabalho. As pessoas confiam realmente no nosso projeto, aderem e multiplicam. Isso tem sido impulsor da nossa luta e da renovação da esperança.

O que você diria para os jovens que pensam em seguir carreira política?

Diriam que sigam. É importante pensar que a política está associada a todas as áreas de nossa

vida, e quando a gente é jovem, é muito comum se enganar e pensar ao contrário, que a política é alheia ao nosso redor, mas não é. Nesses espaços, a gente reflete sobre nosso lugar do mundo, decide, toma consciência e entende o processo democrático no geral. A política precisa dos jovens, da força da juventude e dos sonhos em justiça social que essa turma tem. ■



Periferias e meio ambiente: juventudes em cena na defesa da floresta

Desde o início de 2020, o Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados às periferias, sempre dialogando com organizações, coletivos, movimentos

sociais, ativistas e militantes de todo o país. Durante o mês de junho de 2022, foram realizados programas relacionados à última edição da Revista Reconexão Periferias, cujo tema é *Perife-*

rias e meio ambiente.

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da FPA](#) e na [página do Facebook](#)

Confira os programas de junho e acesse o canal da FPA para assistir:

Dia 14/06/2022: Quando novas personagens entram em cena: um jovem vereador das águas e da floresta - com Francinei Andrade

Dia 28/06/2022: Ensino ambiental para formar juventude defensora da floresta - com Samara Pantoja



Vozes Negras - A Força do Canto Feminino resgata importância e o papel das cantoras e compositoras negras na história



Está em Cartaz no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, a série inédita e inovadora Vozes Negras – A Força do Canto Feminino, com direção de Gustavo Gasparini, que pretende levantar pautas sobre feminismo negro, a importância e o papel das cantoras e compositoras negras na história da música brasileira. A temporada em São Paulo une teatro musical e fórum de ideias, com participação de nomes como Djamilia Ribeiro, Ana Paula Xongani, Conceição Evaristo, Jurema Werneck e Flavia Oliveira, em celebração ao legado das grandes divas da música brasileira.

O espetáculo é dividido em seis diferentes temas, apresentados um a cada semana, focado em um período histórico-cultural como a Era do Rádio, por exemplo, que contava com a magnitude das vozes de Elizeth Cardoso e Carmen Costa. O “musical em formato de série” passará ainda pelo samba, bossa nova, pop e soul brasileiros, entre outros eixos temáticos. Verônica Bonfim, cantora, compositora, escritora, atriz e ativista é a apresentadora do espetáculo. No elenco, Analu Pimenta, Bárbara Sut, Ester Freitas, Roberta Ribeiro e Vanessa Brown, e participações especiais.

A PRIMEIRA SÉRIE DE TEATRO MUSICAL



PROGRAMAÇÃO:

ESPETÁCULO 1 - A ERA DE OURO DO RÁDIO

Artistas homenageadas: Carmen Costa & Elizeth Cardoso.

Cantora convidada para uma das sessões: Eliana Pittman.

Debatedoras convidadas (uma em cada sessão): Preta Ferreira, Erica Malunguinho e Adriana Barbosa.

ESPETÁCULO 2 - SAMBA, TERREIRO E ANCESTRALIDADE

Artistas homenageadas: Clementina de Jesus & D. Ivone Lara.

Cantora convidada para uma das sessões: Áurea Martins.

Debatedoras convidadas (uma em cada sessão): Érika Hilton, Preta Ferreira e Ana Paula Xongani.

ESPETÁCULO 3 - SAMBA-CANÇÃO E BOSSA NOVA

Artistas homenageadas: Dolores Duran e Alaíde Costa.

Cantora convidada para as quatro sessões: Alaíde Costa .

Debatedoras convidadas (uma em cada sessão): Rosane Borges, Domênica Dias, Erica Malunguinho.

ESPETÁCULO 4 - DO SAMBA AO JAZZ, SEM LIMITES

Artistas homenageadas: Alcione & Elza Soares.

Cantora convidada para uma das sessões: Sandra de Sá.

Debatedoras convidadas (uma em cada sessão): Nina Silva, Patrícia Santos e Domênica Dias.

ESPETÁCULO 5 - DO SOUL AO AFROPOP

Artistas homenageadas: Margareth Menezes & Sandra de Sá.

Cantora convidada para uma das sessões: Margareth Menezes .

Debatedoras convidadas (uma em cada sessão): Djamila Ribeiro, Eliane Dias, Patrícia Santos e Aretha Sadick.

ESPETÁCULO 6 - NOVAS GERAÇÕES

Artistas homenageadas: Tati Quebra Barraco & Iza.

Cantora convidada para uma das sessões: Urias.

Debatedoras convidadas (uma em cada sessão): Claudia Miranda, Jaqueline Jesus, Leilane Ribeiro e Valéria Moná.

SERVIÇO:**SÉRIE VOZES NEGRAS - A FORÇA DO CANTO FEMININO**

Onde: Teatro Sergio Cardoso (Rua Rui Barbosa, 153 - Bela Vista,
São Paulo, Tel: (11) 3882-8080

Espectáculo presencial, de 30/06 a 07/08, quinta-feira a sábado,
às 20h30, domingo, às 17h.

Ingressos: A partir de R\$25 a meia (via Sympla).



Programa Quinzenal Reconexão

Periferias Terça- feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo

Lançamento semanal dos episódios da websérie “Periferia é periferia”

Quarta-feira, às 15h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação
www.mulheresnacomunicacao.com/
Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h. O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal “Mulheres na Comunicação”

[Dos Brasis] Pemba - Arte brasileira, racialização, dissidência

Aula aberta com astiel Vitorino Brasileiro e Denise Ferreira da Silva
Data: 14/07/2022 às 19h30
Onde: [Youtube](#)

Festival Dois de Julho - Filarmônicas da Bahia

Data: 14/07/2022 a 16/07/2022
Onde: Largos do Centro Histórico de Salvador - Centro, Salvador - BA
Ingresso: Gratuito

Palestra Vozes poéticas da periferia: Literatura Periférica em São Paulo

Data: 15/07/2022 às 17h
Onde: [Youtube](#)

Oficina infantil Histórias do Livro do Coração, com Xadalu Tupã Jekupé

Data: 16/07/2022 às 15h
Onde: Instituto Ling - Rua João Caetano, 440 - Três Figueiras - Porto Alegre, RS

Espectáculo: (IN)JUSTIÇA - Com Companhia Teatro de Heliópolis

Data: até dia 17/07/2022; Quintas, sextas e sábados, às 20h. Domingos, às 19h.
Bate-papo após a sessão do dia 16/07
Onde: Casa de Teatro Maria José de Carvalho - Rua Silva Bueno, 1533, Ipiranga. São Paulo/SP
Ingressos online:
Pague quanto puder - [Sympla](#)

Oficina “Iniciando nas Danças Urbanas”

Data: 18/07/2022 às 17h
Onde: Escola Municipal Prof Gil Feres - Rua dos Expedicionários, 456, Antonina - PR

TEATRO - ROCK PARA CRIANÇAS - A HISTÓRIA

Data: 16/07/2022 e 17/07/2022 às 16h e às 18h
 Onde: Centro Cultural Banco Do Brasil – CCBB-Brasília - SCES Trecho 02 Lote 22 Ed. Tancredo Neves. Setor De Clubes Sul. Brasília – DF
 Classificação etária: Livre
 Ingresso: R\$15,00
 Mais informações [aqui](#)

Live Bate Papo Cultural da Cia Daniel Amaro com Dione Leite

Data: 18/07/2022 às 20h
 Onde: <https://www.youtube.com/c/ciadanielamaro>

Live Bate/ Papo Cultural da Cia Daniel Amaro com Margit Kolling

Data: 01/08/2022 às 20h
 Onde: <https://www.youtube.com/c/ciadanielamaro>

XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos - Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir

Data: entre 20/07/2022 e 24/07/2022
 Onde: online
 Mais informações [aqui](#)

Cuidado Afrocentrado- Promovendo a Saúde da Mulher

Data: 26/07/2022 às 17h15
 Onde: Centro de Navegação de Porto Alegre - R. Caldas Júnior, 20 - sala 61, Porto Alegre - RS
 Ingressos: R\$30,00, mais informações [aqui](#)

Palestra: Produção Cultural

Data: 27/07/2022 às 16h45
 Onde: Centro Cultural Palácio da Justiça (CCPJ) - Avenida Eduardo Ribeiro, 901, Centro - Manaus - AM

Slam da Guilhermina com lançamento do livro Geográfico, de Fernaun

Data: 29/07/2022 às 19h30
 Onde: Praça anexa à estação Guilhermina-Esperança - São Paulo, SP

AFROYA TECH HUB & UX PARA MINAS PRETAS APRESENTAM: Julho das Pretas: Lideranças Negras em Tecnologia & Inovação

Data: 30/07/2022 entre 14h e 22h
 Onde: Centro Cultural São Paulo (Ao lado do Metrô Vergueiro) - Rua Vergueiro, 1000 - Paraíso, São Paulo - SP

PerifaCon - Segunda Edição da Convenção Nerd das Favelas

Data: 31/07/2022 entre 9h e 19h
 Onde: Fábrica de Cultura da Brasilândia - Avenida General Penha Brasil, 2508, Vila Nova Cachoeirinha - São Paulo, SP

Semana Intercultural D'Agosto de Vadiar - Grupo Cordão de Ouro Capoeira Sertão

Data: 03/08/2022 às 17:00 até 20/08/2022 às 20h
 Onde: Rua do Apicum, R. Tamancao, 6-198, São Luís - MA
 Mais informações [aqui](#)

Na Catraca da História - STM

Data: 10/08/2022 às 19h

Onde: Salé, R. Vera Paz - Salé, Santarém
- PA

Ingressos: R\$10,00

Mais informações em: [https://
www.murikicicloturismo.com/
event-details/na-catraca-da-historia-
stm-2022-08-10-19-00](https://www.murikicicloturismo.com/event-details/na-catraca-da-historia-stm-2022-08-10-19-00)

Chá com bolacha "Fortalecendo As Raízes."

Data: 14/08/2022 às 14h

Onde: Centro de Formação Cultural
Cidade Tiradentes - R. Inácio
Monteiro, 6900 - Conj. Hab. Sitio
Conceicao, São Paulo - SP

Oficinas "Os 4 Elementos do Hip-Hop" - Espaço Cultural Reduto do Rap

Onde: Rua Sete Barras 166, Freguesia
do Ó - São Paulo, SP

[Inscrição Oficinas de MC](#)

[Inscrição Oficinas de Dança](#)

[Inscrição Oficinas de DJ](#)

[Inscrição Oficinas de Graffiti](#)

Edital	Foco	Prazo	Link
<p>CRENCIAMENTO DE PROJETOS ARTÍSTICOS PARA O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM - MIS</p>	<p>Ação do Museu da Imagem e do Som - MIS, equipamento público da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, gerido em parceria pelo Instituto Mirante de Cultura e Arte, que torna público o Edital de projetos artísticos e atividades formativas para compor a programação do Museu da Imagem e do Som de setembro de 2022 a janeiro de 2023.</p>	<p>Até 30 de julho de 2022</p>	<p>https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/opportunity/3876/edital6assinado.pdf</p>
<p>Edital 001/2022 - SELEÇÃO E CONCESSÃO DE APOIO CULTURAL-FINANCEIRO PARA CUSTEIO DE DESPESAS COM LOCOMOÇÃO DE ARTISTAS, TÉCNICOS E ESTUDIOSOS DA CULTURA</p>	<p>Constitui objeto do presente Edital promover a difusão e o intercâmbio da cultura capixaba nas áreas das artes cênicas, das artes visuais, do audiovisual, da música, do patrimônio cultural, das humanidades, da literatura e de outras expressões culturais consideradas relevantes pela Secretaria de Estado da Cultura através da SELEÇÃO E CONCESSÃO DE APOIO CULTURAL-FINANCEIRO PARA CUSTEIO DE DESPESAS COM LOCOMOÇÃO DE ARTISTAS, TÉCNICOS E ESTUDIOSOS DA CULTURA convidados a participar de eventos culturais promovidos por instituições, brasileiras ou estrangeiras, de reconhecido mérito.</p>	<p>Até 20 de julho de 2022</p>	<p>https://secul.es.gov.br/Media/Secult/001/Edital%20de%20Locomo%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf</p>
<p>Edital Fundação Draper Richards Kaplan</p>	<p>O foco da Fundação é apoiar iniciativas que criem uma mudança de paradigma de transformação para abordar problemas urgentes na sociedade que estejam afetando a vida das pessoas, sejam eles sociais ou ambientais.</p>	<p>Até 31 de Dezembro de 2022</p>	<p>https://myclappy.com/edital/8035/edi</p>

OPORTUNIDADES

<p>Edital de Microjetos Para a Terra Indígena Araribóia</p>	<p>Está aberto o Edital de Microprojetos para a Terra Indígena Araribóia (Maranhão) para apoiar iniciativas individuais e familiares que favoreçam a gestão ambiental e territorial. As propostas devem contemplar o apoio à implementação de diversas ações voltadas à proteção territorial, produção agroecológica, sistemas agroflorestais, conservação da biodiversidade, formação em gestão territorial e ambiental, articulação pelos direitos indígenas, entre outras possibilidades.</p>	<p>Até 31 de Dezembro de 2022</p>	<p>https://ispn.org.br/aberto-edital-para-apoio-a-micro-projetos-na-terra-indigena-arariboia-ma/</p>
<p>Edital de Chamamento Público - Fundo do Idoso - 01/2021 - CEMIG</p>	<p>Neste edital, serão priorizados projetos que buscam a proteção, atendimento e estruturação da rede de apoio à pessoa idosa no estado de Minas Gerais, visando a ampliação e melhoria das ações voltadas a essa população.</p>	<p>Até 15 de Julho de 2022</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/10098-edital-de-chamamento-publico-fundo-do-idoso-012021-cemig</p>
<p>Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade 30ª edição</p>	<p>A iniciativa tem como objetivo selecionar filmes com foco relacionados à sexualidade e identidade de gênero, promovendo uma inclusão social e abrindo espaço para uma expressão de estilos de vida, ampliando a conscientização sobre as questões LGBTQIA+.</p>	<p>Até 25 de Julho de 2022</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/11408-festival-mix-brasil-de-cultura-da-diversidade-30a-edicao</p>
<p>Seleção de Residências Artísticas</p>	<p>Estão abertas as inscrições para a Seleção de Residências Artísticas, realizada pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. A iniciativa tem como objetivo selecionar 40 propostas de residências artísticas com foco no desenvolvimento de criação artística, pesquisa de linguagem, manutenção de ensaios e intercâmbios na área da dança.</p>	<p>Até 20 de Julho de 2022</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/11546-selecao-de-residencias-artisticas</p>

<p>CELESC DISTRIBUIÇÃO SA - PROJETOS CULTURAIS E DESPORTIVOS</p>	<p>Chamada Pública para patrocínio de projetos com incentivo fiscal de Cultura e Esporte nas modalidades Artes Cênicas, Música e Audiovisual e Desporto Educacional e Desporto de Rendimento.</p>	<p>Até 30 de Setembro de 2022</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/10838-chamada-publica-0012022-de-selecao-de-projetos-culturais-para-incentivos-fiscais</p>
<p>Conexão Cultura DF</p>	<p>O Edital Permanente Conexão Cultura DF é um edital com fluxo contínuo de inscrições, voltado à formação, qualificação e projeção nacional e internacional da arte e cultura do Distrito Federal, de forma a ampliar a circulação e a fruição dos agentes, bens e serviços culturais e criativos para fortalecer a identidade cultural local e a cultura enquanto vetor de desenvolvimento integrado no território.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://www.cultura.df.gov.br/conexao-cultura-df-4/</p>
<p>Edital fixo Klabin Transforma</p>	<p>edital fixo Klabin Transforma busca apoiar iniciativas que estejam alinhadas à Política de Doações e Patrocínios da Klabin, que possui quatro linhas de atuação: desenvolvimento local, educação, cidadania por meio da cultura, esporte e educação ambiental.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://klabin.com.br/sustentabilidade/doacoes-e-patrocínios/como-enviar-um-proje</p>
<p>Aliança Regenerativa</p>	<p>Somos diversas organizações socioambientais que, solidárias frente ao sofrimento em Brumadinho, decidiram criar o Fundo Regenerativo Brumadinho e agir de forma unificada, como sociedade civil, em prol da regeneração de toda a extensão da área afetada, banhada pelo rio Paraopeba.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/6298-alianca-regenerativa</p>

OPORTUNIDADES

VBIO em busca de projetos	Podem se candidatar iniciativas focadas em temáticas como segurança alimentar, agricultura regenerativa, qualificação profissional de agricultores familiares e agroextrativistas, produtividade agrícola e geração de renda. Plataforma está em busca de projetos nos municípios: Paragominas/PA, Porto Velho/RD, Itacoatiara/AM, Comodoro/MT, Confresa/MT, Paranatinga/MT e São José do Xingu/MT.	Inscrições contínuas	https://www.vbio.eco/
Programa de Aceleração de ONGs	A Phomenta, aceleradora de ONGs, está com a pré-inscrição aberta para os seus programas de aceleração. Organizações da Sociedade Civil de qualquer parte do país podem se inscrever e receber em primeira mão as informações quando cada programa abrir inscrições. Os programas de aceleração visam transformar a gestão da organização em um curto espaço de tempo, entre 5 e 7 meses, com ferramentas práticas e conteúdos dinâmicos. São apresentados temas diversos como captação de recursos, priorização, identificação e resolução de problemas, inovação, empreendedorismo e como conseguir parceiros.	Inscrições contínuas	https://prosas.com.br/editais/6486-programa-de-aceleracao-de-ongs

Chamada pública para o livro *Periferias no Plural*

O projeto Reconexão Periferias, da Fundação Perseu Abramo, e a Fundação Friedrich Ebert Brasil abrem chamada pública para a seleção de capítulos que serão publicados no livro *Periferias no Plural*, a ser editado em formato digital com possibilidade de impressão. Serão escolhidos 15 textos que comporão a obra. O livro *Periferias no Plural* celebra cinco anos do Reconexão Periferias, e a proposta da publicação e da chamada pública é apresentar novas visões e experiências sobre o conceito de periferias, para além do senso comum, retratando as mudanças históricas e sociais que as próprias periferias têm construído ao longo dos últimos anos.



Nome do livro: *Periferias no Plural*

Organização: Paulo César Ramos, Victoria Lustosa Braga, Jaqueline Lima Santos e Willian Habermann

Inscrições: 20/06/2022 a 20/08/2022

Para conhecer melhor a proposta e os critérios, confira a íntegra da chamada pública em: <https://fpabramo.org.br/2022/06/20/reconexao-e-friedrich-ebert-abrem-chamada-de-artigos-para-livro/>